

Uma "coisa"
chamada
respeito à
individualidade.

Celso Antunes escreve:
Palavra de Mestre
Sistema de Ensino
Energia

Nem sempre um assunto importante é um tema fácil, e poucas vezes a crônica que ajuda é a mesma que alegra. Paciência. Educar significa principalmente dizer verdades, sugerir caminhos, e estas verdades e estes caminhos algumas vezes não são gostosos de se ouvir, alegres em se descobrir. É por essa razão que o que agora se diz ao pai, à mãe ou aos responsáveis parece-nos importante, ainda que em muitas situações não seja agradável. Queremos martelar a velha tecla do respeito à individualidade do filho ou dos filhos, da filha ou das filhas que se tem.

Se existe uma preocupação de voltar ao quase mesmo tema outras vezes discutido é porque a vida ensina que o assunto é mais recorrente do que à primeira vista parece e que **um dos mais sérios entraves na educação dos filhos por parte de seu pai ou de sua mãe é vê-lo não como ele é – criatura diferente e singularíssima –, e sim como gostaria que ele fosse**, ou, pior ainda, ver neles a angústia da suplantação das frustrações que se teve. Em outras palavras, é essencial essa nem sempre fácil separação de identidade, bem como a **lenta e penosa procura pela transformação do conceito "nós" em "eu e ele" ou "eu e ela"**.

Observe-se um exemplo em uma singela corrida de kart, uma partida de tênis ou a participação do filho em um joguinho de futebol, ou a maneira como a filha se arruma para uma festa que sai com as amigas com seu pai na arquibancada ou sua mãe na espera. É evidente que esse pai torça pelo filho, é natural que seja seu fã "número um" e que simbolize, ainda que solitariamente, a expressão maior de sua "torcida uniformizada". É igualmente natural que essa mãe deseje que sua filha "arrase", sonhe que sua orientação sobre o como se arrumar seja ajuda eficiente. O que não pode jamais existir, ainda que infelizmente se mostre muito comum, é esse pai ou essa mãe "sentir-se" o filho ou a filha, "ver-se" ao vê-lo ou ao vê-la e assim mostrar o desapontamento por seus erros, a frustração por suas opções de maquiagem e a culpa por suas falhas.

Uma coisa bonita, ainda que nem sempre comum, é a mão no ombro pela derrota que não se desejou, o consolo amigo de um "deixa pra lá, perde-se hoje, mas se ganha amanhã" ou a doce aceitação de se dizer "não é o que mais gosto, mas admiro e respeito sua maneira de gostar". Outra coisa, muito diferente e amarga, é o externar do sentimento de frustração, a raiva não contida pelo fracasso que se assume como seu, pelo desapontamento da sugestão que com tanto amor se fez, não ser a opção eleita pelo filho ou pela filha.

Ao ver no filho ou na filha a si mesmo, o pai ou a mãe sente legítima sua raiva e verdadeiro seu sentimento de culpa, pois, ao xingar, protestar, se emocionar, em verdade está pensando que pune a si próprio. Afinal de contas, não é vedado a ninguém odiar-se por momentos pelo fracasso pelo que não se conquistou, pela frustração da bola perdida. O grande problema é que essa difícil separação entre o "nós" e o "eu e você" faz com que a criança e mesmo o adolescente sintam, na frustração do pai, a própria frustração pessoal e um sentimento de culpa.

Não constitui direito de mãe ou pai algum se sentir o filho, "dizer-se" nas palavras que o filho diz, e, por essa razão, quando o pai sabe ou busca aprender a trabalhar a separação do "eu" e do "nós", surge a amizade verdadeira, o consolo autêntico, o elogio essencial.

*Toda criança e qualquer adolescente necessitam muito de uma imagem masculina – o pai pode ser um grande exemplo – e também de uma imagem feminina – a mãe pode ser a referência nessa função –, **mas uma coisa é***